

A escatologia

e a
influência
do futuro
no dia-a-dia
do Cristão

Russell P. Shedd

Tradução
Edmilson F. Bizerra



Literatura que Edifica



Palavras do Autor

*A*lguns ignoram a escatologia, outros se fascinam com o futuro de Deus. Este livro não foi escrito nem para o primeiro, nem para o segundo grupo. Ele tem o seu público alvo: aqueles que, como os primeiros cristãos, entendem que a escatologia é o alicerce de sua esperança. A esperança motiva o cristão a elevar seus alvos e a escolher os seus objetivos, à luz do futuro glorioso que Deus promete aos que o amam. A escatologia deve ser o maior incentivo para se viver de modo digno do Senhor.

Paulo estava convencido de que a escatologia tinha profundas implicações para a vida cristã, quando escreveu sua carta para a igreja de Corinto: “Meus amados irmãos, mantenham-se firmes, e que nada os abale. Sejam sempre dedicados à obra do Senhor, pois vocês sabem que, no Senhor, o trabalho de vocês não é vão” (1Co 15.58, NVI). O que adianta exortar os crentes a viverem santa e piedosamente, esforçando-se para produzir um fruto que permanecerá para sempre, se não acreditam que os

atos e sacrifícios de hoje são investimentos que renderão alto lucro amanhã?

Jesus enfatizou essa verdade, quando disse: “Usem a riqueza deste mundo ímpio para ganhar amigos, de forma que, quando ela acabar, estes os recebam nas moradas eternas” (Lc 16.9, NVI). As contribuições mesquinhas para o sustento da obra de Deus são promovidas por visões nebulosas ou mesmo inexistentes do futuro.

O meu propósito nesta pequena obra não é outro senão aquele de João quando escreveu para os irmãos de Éfeso: “Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que havemos de ser, mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, pois o veremos como ele é. Todo o que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, assim como ele é puro” (1Jo 3.2-3, NVI). Um forte estímulo para a busca da santidade encontra-se plenamente na escatologia.

A Deus toda a glória!

Russell P. Shedd



Prefácio

Creio que a escatologia é uma das áreas da teologia que, na prática, é a mais evitada. A razão é óbvia: ninguém pode afirmar com precisão como e quando acontecerão os eventos previstos pelas Escrituras. Por se tratar de algo tão complexo, então, muitos evitam o assunto. Mesmo com toda a sua complexidade, é claro que se pode ter algumas idéias bem certas, ainda que generalizadas, principalmente com respeito a alguns acontecimentos centrais.

Entretanto, apesar de todas as dúvidas ainda existentes, os cristãos fiéis ao Senhor Jesus não devem ficar imobilizados, apavorados ou indiferentes. Muitos vivem como se Cristo fosse voltar na próxima hora, por isso ficam trancados em sua casa esperando Jesus de braços cruzados. Sua atitude é de total inércia. Eles já estão preparados e, portanto, o mundo pode acabar agora que estarão supostamente prontos. Outros estão tão desesperados, que não podem nem ouvir qualquer rumor de guerra e já pensam ser o fim de todas as coisas. Estão sempre correndo atrás de sinais nos eventos diários do mundo para ligá-los com os sinais bíblicos. Muitas vezes ficam com tanto

pavor que também acabam entrando em crise existencial, gerando também uma paralisação total.

Aqueles que são indiferentes estão tão insensíveis a uma realidade escatológica que sua ocupação principal, senão única, está voltada para o aqui e o agora. Seus planos para este mundo são muito mais importantes do que qualquer realidade futura. Vêm que agora é o momento certo para desfrutar de todos os prazeres que esta vida lhes oferece. Isso não quer dizer que essas pessoas ignorem totalmente o futuro; ao contrário, são excelentes planejadoras, mas seu alvo principal está no planejamento que visa o retorno que possam obter ainda nesta vida, desconsiderando, na prática, a surpresa de uma possível volta do seu Senhor.

Nenhum desses extremos é saudável para o povo de Deus. Somos chamados para viver, enquanto nesse corpo corruptível, o conflito entre o hoje e o amanhã, o presente e o futuro, o temporário e o eterno, este mundo e o vindouro. Apesar de estarmos neste mundo, em Cristo, deixamos de ser deste mundo. Nossos valores, alvos e decisões devem ser planejados com base na realidade escatológica. O nosso chamado é para sermos servos fiéis e prudentes (Mt 24.45-51), vigiando atentamente, pois não sabemos nem o dia nem a hora. Não podemos imitar o péssimo exemplo do servo mau, nem o das virgens insensatas (Mt 24.48-51; 25.1-13).

Foi com o objetivo de despertar o povo de Deus para a realidade prática da escatologia bíblica que o Dr. Shedd escreveu este livro. Ele foi escrito de forma sucinta, visando alcançar o maior número de pessoas interessadas em andar como viveram os primeiros cristãos: “tendo a mente saturada com a expectativa de que o fim dos tempos estivesse próximo”; e, desse modo, entendendo a urgência que há na proclamação do Evangelho, na prática da santidade, na vida no Espírito, na perseverança e na vigilância. O cristão que aprende esses princípios básicos anda, de fato, em novidade de vida (Rm 6.4).

Que Deus abençoe e desafie cada um dos leitores deste livro à prática constante de um coração sedento pela Volta do seu Senhor!

Pr. Edmilson F. Bizerra



Introdução

A mente dos primeiros cristãos estava saturada com a expectativa de que o fim dos tempos estivesse próximo. A primeira mensagem evangelística pregada no dia de Pentecostes revela como Pedro havia absorvido radicalmente a nova realidade criada pela encarnação, morte e ascensão de Jesus, o Messias. Pedro não viu a necessidade de separar a profecia de Joel sobre o derramamento do Espírito nos últimos dias (At 2.17) dos prodígios no céu e sinais na terra (vv.19,20). Jesus indicara esses eventos como precursores da “vinda do Filho do Homem” (Mt 24.29; Mc 13.24,25; Lc 21.25). Esses eventos do passado encontrariam o clímax de sua realização na volta futura do Senhor ressurreto.

O apóstolo Paulo esperava que seria em seus dias de vida que a volta de Cristo ocorreria (1Ts 4.17; 1Co 15.52). É provável que todos os cristãos tenham pensado que os grandes eventos

que antecederiam a volta de Cristo haviam já começado a se revelar. Até mesmo os crentes bem jovens devem ter tido plena certeza de que em sua vida um dia dariam boas vindas Rei em seu retorno à terra. Paulo escreveu em uma de suas primeiras cartas: “Com efeito, o mistério da iniquidade já opera e aguarda somente que seja afastado aquele que agora o detém; então, será, de fato, revelado o iníquo, a quem o Senhor Jesus matará com o sopro de sua boca e o destruirá pela manifestação de sua vinda” (2Ts 2.7-8). Paulo parece não ter tido dúvida alguma de que embora as nações tivessem de ser primeiro evangelizadas, essa bendita esperança se cumpriria em sua geração.

Pedro caracteriza os dias de quando escreveu a sua primeira carta como “a hora de começar o julgamento pela casa de Deus; e, se começa primeiro conosco, qual será o fim daqueles que não obedecem ao evangelho de Deus?” (1Pe 4.17, NVI). Dias terríveis, e que em breve virão, acham-se à frente daqueles que não se interessam pelo Salvador. Além do mais, há uma palavra de advertência: “Pois o propósito básico da profecia é redentivo e ético”.¹ Esta era perversa foi invadida pela graça. O Filho do Homem veio buscar e salvar o perdido (Lc 19.10).

Os escritores do Novo Testamento consideravam-se como participantes dos “últimos dias” (Hb 1.2). Assim, o autor de Hebreus usou essa frase para fazer com que seus leitores deixassem de ter quaisquer pensamentos de retorno a uma vida pré-cristã. Uma vez que o fim de todas as coisas estava perto, os crentes eram exortados a ser “criteriosos e sóbrios a bem de suas orações” (1Pe 4.7). Uma atitude de “sabedoria” cristã assim seria de extrema importância em qualquer comunidade que de forma genuína cresse que o mundo acabaria em breve. Mas é necessário manter o passado, o presente e o futuro em equilíbrio, como Paulo o fez. “É Cristo Jesus quem morreu ou, antes, quem

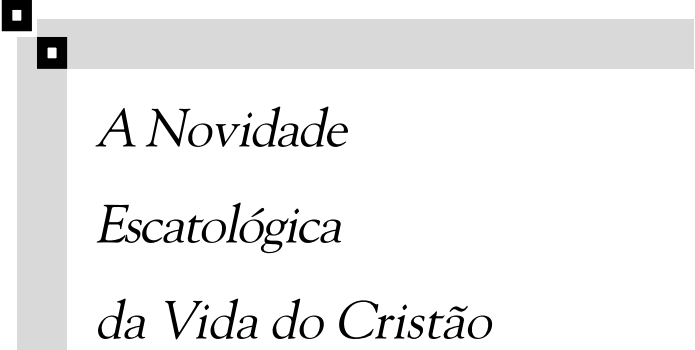
ressuscitou” (eventos passados); “o qual está à direita de Deus e também intercede por nós” (presente); e acrescenta: “Quem nos separará do amor de Cristo (futuro)?” (Rm 8.34,35).²

Meu propósito neste livro é explorar o rico significado que essa mentalidade escatológica teve entre os cristãos do primeiro século. Além disso, é importante analisarmos as implicações que a breve volta de Cristo tinha para a vida deles. Estamos, hoje, a dois milênios mais próximos do cumprimento da promessa da Volta de Cristo. Então, como devemos viver à luz da sua Vinda?

NOTAS

¹ James R. Ross, “Living Between the Ages” em *Dreams, Visions and Oracles*, ed. Armending and Gasque (Grand Rapids: Baker) p. 231.

² Wm. Hendriksen, *The Bible on the Life Hereafter* (Grand Rapids: Baker, 1959) p. 16.



*A Novidade
Escatológica
da Vida do Cristão*

E assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas” (2Co 5.17). Embora muitos leitores hoje interpretariam essa clássica declaração de Paulo como uma referência à mudança nos desejos e hábitos que substituíram o estilo de vida anterior de uma pessoa não regenerada, na verdade ela é uma profunda afirmação escatológica.¹ Com a morte e a ressurreição de Jesus inaugurou-se uma nova realidade que os profetas tinham anunciado. Deus fez uma nova aliança com o seu povo. Mudanças radicais foram realizadas através da vinda do Espírito e do novo nascimento que ele efetua nos crentes (Jo 3.3,6). Isso confirma, no tempo presente, as promessas realizadas através dos profetas. Mas o pleno gozo das bênçãos prometidas aguarda o despojar desta existência corporal e o revestimento com um corpo espiritual como aquele que Cristo agora possui. Embora a nossa verdadeira

cidadania seja no céu, ainda não está claro o que seremos quando a corrupção da nossa atual escravidão for trocada pela “glória a ser revelada em nós” (Rm 8.18). Esta nova existência concedendo-nos liberdade parcial; a glória completa da liberdade em Cristo está ainda por vir (v. 21).

A natureza escatológica desta nova vida em Cristo é várias vezes representada no Novo Testamento como uma vida ressurreta. Todos aqueles que crêem e foram batizados morreram e ressuscitaram com Cristo. Eles não somente tomam a cruz de Cristo (Mc 8.34 e textos paralelos), mas estão também crucificados com ele (Gl 2.20). A presente realidade desta morte para o mundo e para o pecado (Gl 6.14) permanece sendo, ao mesmo tempo, uma vida em que Cristo vive (Gl 2.20). Paulo disse que é por essa razão que é um absurdo concluir que devemos pecar para que a graça seja abundante (Rm 6.1). Termos sido unidos com Cristo na semelhança da sua morte significa que fomos ressuscitados pela glória do Pai, para que “assim também andemos nós em novidade de vida” (Rm 6.4). A novidade que Paulo esperava caracteriza a vida de cada cristão, cujos membros são oferecidos a Deus “como instrumentos de justiça” (Rm 6.13).

Morrer e ressuscitar com Cristo exige duas ações de nossa parte. Primeiro, devemos fixar a nossa mente nas coisas lá do alto e buscá-las (Cl 3.1,2). Segundo, precisamos matar ou “fazer morrer” a nossa natureza terrena, abominando a imoralidade, a impureza e os desejos malignos (Cl 3.5).

Em Tito, Paulo escreveu que a graça de Deus manifestou-se para todos, “educando-nos para que, renegadas a impiedade e as paixões mundanas, vivamos, no presente século, sensata, justa e piedosamente, aguardando a bendita esperança e a manifestação

da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus” (Tt 2.12,13).

A terminologia é diferente, mas o significado é o mesmo. A primeira vinda de Cristo implica que o crente conscientemente evitará o mal. A esperança da segunda vinda desafia o povo de Deus a viver de forma justa. A destruição do velho homem (do “eu”) é consequência da morte com Cristo, o que já ocorreu. O revestir-se do novo homem é a realidade escatológica do futuro influenciando o presente (Rm 6.5).

Paulo revelou uma suposição subjacente: a nova vida em Cristo é uma vida que cresce em direção à perfeição. Paulo não estava dizendo que já havia alcançado esse alvo elevado, mas que prosseguia para a perfeição (Fp 3.12,13). B. Ramm explicou o que Paulo queria dizer: “O primeiro ato do capítulo 3 é uma descrição da excelência moral e espiritual de Paulo como judeu. O segundo ato é a grande transição para a fé em Cristo e sua justiça. O terceiro ato é o tremendo esforço para alcançar a plena realização daquilo que o evangelho contém e oferece. Esse terceiro ato é basicamente um ato que contempla dois tempos, agora e depois, ou a vida presente e sua realização escatológica. É um profundo conhecer de Cristo que vive como se a ressurreição já tivesse acontecido (vv. 10,11) [...] A realização escatológica dos alvos dessa passagem coincide com a glorificação do crente no fim do tempo”.²

O que Paulo aspirava para si mesmo determinou o seu ministério. E o que Cristo alcançou através do apóstolo foi ter autoridade sobre os gentios. Essa qualidade, por outro lado, é requerida na oferta humana que Paulo apresentaria a Deus. Pois, para que a oferta fosse aceita, ela precisaria ser santificada pelo Espírito Santo (Rm 15.16,18). O alvo do ministério de Paulo

era proclamar Cristo “advertindo a todo homem e ensinando a todo homem em toda a sabedoria, a fim de apresentar todo homem perfeito em Cristo” (Cl 1.28).

Quanto mais essa qualidade escatológica se manifestar no presente, maior será a nossa certeza de que dela participaremos. O estupendo milagre, que um dia transformará pecadores em santos, já está em operação na nova criação. Nossa principal postura deve ser de temor e tremor, “porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade” (Fp 2.12,13).

NOTAS

¹George E. Ladd, *A Theology of the New Testament* (Grand Rapids: Eerdmans, 1974) p. 479.

²“The Glorification of the Soul”, em *The New Life*, ed. M. Erickson (Grand Rapids: Baker, 1979) p. 201.